



26 a 29 de maio de 2015

**MUSEU DAS COISAS BANAIS: CULTURA MATERIAL E VIRTUALIDADE**

Daniele Borges Bezerra<sup>1</sup>

Juliane Conceição Primon Serres<sup>2</sup>

Rafael Teixeira Chaves<sup>3</sup>

**RESUMO** Neste artigo abordaremos a relação entre materialidade e virtualidade a partir do exemplo do Museu das Coisas Banais. O valor documental da fotografia, associado ao da narrativa que envolve os objetos que compõem o acervo do museu são elementos patrimoniais resituados com a dinâmica de visitação possibilitada pela WEB. Assim como, e não menos importante, pelo seu caráter democrático, no que diz respeito a dessacralização do objeto museal, ao considerar preservável todo objeto que apresente um valor afetivo capaz de evocar memórias vinculadas à identidade do seu doador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu virtual; objetos memoriais; imaterialidade, valor.

[...] O mundo humano é ‘virtual’ desde a origem, bem antes das tecnologias digitais, porque ele contém em toda parte sementes de futuro, possibilidades inexploradas, formas por nascer que nossa atenção, nossos pensamentos, nossas percepções, nossos atos e nossas invenções não deixam de atualizar. (LÉVY, 2001, p. 137).

Os museus preservam bens culturais considerados importantes para uma sociedade. Porém, por muito tempo, a origem desses objetos foi restrita a determinados eventos e grupos sociais, excluindo os vestígios materiais de grande parte da população, cujas memórias não eram representadas nos museus, fazendo com que, em muitos casos, fossem vistos como locais elitizados, distantes da vida da comunidade. Na maioria das instituições museais existentes, os acervos ainda tem o status de relíquias, assim, por outro lado o Museu das Coisas Banais, ao voltar suas atenções sobre os objetos do cotidiano, considera que podem ser entendidos como atores e mediadores de todas as situações sociais (LATOUR, 2007), e busca assim preservá-los, não no sentido material, mas preservá-los no sentido de registrar e discutir seus significados.

O Museu das Coisas Banais (MCB) é um museu virtual que existe apenas na internet e está voltado para a preservação e o compartilhamento da memória e para a reflexão sobre a cultura material do tempo presente. Criado em 2014 e vinculado ao Instituto de Ciências Humanas da

<sup>1</sup> Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); borgesfotografia@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em História, Profa. do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural e do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL); julianeserres@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), bolsista do Museu das Coisas Banais; Rafael-teixeirachaves@hotmail.com



26 a 29 de maio de 2015

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), valoriza a relação dos homens com os objetos (Cf. SILVA, 2009) e as diferentes formas de vinculação entre memória e materialidade.

Todas as informações relativas ao MCB, tais como: fotografias e narrativas, dados dos doadores, origem e estado de preservação dos objetos; dados de acesso como: número de visitantes, de curtidas e compartilhamentos além da localização dos visitantes, são digitalizados e a salvaguarda é feita com a gravação digital em dois diferentes HDs externos, de propriedade do MCB, adquiridos exclusivamente para este fim.

A criação de um museu virtual de objetos cotidianos, banais, cujo valor maior do acervo é de caráter afetivo, permite democratizar, não apenas o acesso ao museus (virtuais, portanto globais), mas também democratizar o acervo: o que se pode ver neste museu é uma memória muito familiar; todos temos lembranças associadas a objetos. Esta proposta permite também valorizar a experiência das pessoas e sua relação com os bens materiais.

Algumas instituições no Brasil e no exterior vem trabalhando com essa perspectiva de forma muito exitosa. No Brasil, temos como maior exemplo o Museu da Pessoa (São Paulo), criado em 1991 e cujo acervo conta com mais de 16 mil histórias de vida, 72 mil fotografias e documentos além de 25 mil horas de gravação em vídeo. No exterior, os museus com esta temática de maior destaque são o Museu da Inocência (Istambul), que trabalha com objetos de afeto; e o Museu dos Corações Partidos (Croácia) cujo acervo conta com objetos referentes a relações terminadas. Todas propostas inovadoras para trabalhar-se temas como memória, patrimônio, identidade e afeto. Uma “museologia do afeto”, de fato, que aspira aproximar o Museu das pessoas comuns, compartilhar suas experiências, desenvolver a alteridade.

Embora o estudo sobre os objetos, ou mais especificamente a cultura material, tenha uma longa tradição em disciplinas como a arqueologia e a antropologia, mais recentemente outras áreas tem se interessado pelo tema. Conforme Turgeon (2007), os estudos sobre objetos e sua relação com memórias são recentes, mas apresentam um desenvolvimento acelerado. A autora atribui esse interesse devido ao lugar que os objetos materiais ocupam nas práticas sociais contemporâneas (idem, p. 13). Nesse sentido, nos parece extremamente pertinente que os museus – e a museologia – reflitam sobre o lugar dos objetos na contemporaneidade, sejam eles entendidos como testemunhos históricos ou como signos, ou sejam entendidos a partir da análise de sua função social ou sua relação com a memória.

### **O material e o imaterial no museu**



26 a 29 de maio de 2015

Apesar da tradicional materialidade dos objetos museais, os aspectos patrimoniais que orientam a sua classificação são estritamente imateriais. Os objetos que compõem coleções citam o tempo, narrado a partir de uma história. E a história narrada é sempre resultado de interpretações e valores associados ao objeto e à memória em determinado momento. Esses objetos são transformados em semióforos, objetos que não tem utilidade, mas significado (POMIAN, 1997). Nesse sentido, os museus seriam locais que preservam, mais que objetos, os significados que lhes são atribuídos. Historicamente essas institui podem ser consideradas lugares de conservação e comunicação, caracterizadas pela existência de coleções abrigadas em uma edificação especialmente destinada para esse fim. Entretanto, essa definição já não comporta as transformações ocorridas no mundo museal, desde a ênfase cada vez maior no território e comunidade em detrimento das edificações e coleções, até a virtualidade, que coloca em discussão a materialidade (e originalidade) dos objetos.

Pode-se, como Scheiner (1998, p.21), falar de um museu que, ao libertar-se do plano institucional, de suas “expressões mais óbvias (o objeto, a exposição) e de seus limites espaciais, para brilhar em novas- e inusitadas- dimensões, entre elas o museu virtual (o museu do não-lugar) ”, entoe uma atualização de seu papel social como canal de comunicação, um centralizador/difusor da informação, fruto de colaboração.

Este “não-lugar”, virtual, é tão imaterial quanto a própria memória relacionada aos objetos. Contudo, o MCB possui uma “espacialidade, independente da localização em um espaço tridimensional” (BEIGUELMAN, 2003, p.12). Ao integrar um processo de transformação cultural, que perpassa um processo pedagógico de transição e adaptação ao ciberespaço, enquanto cultura híbrida, o seu acervo digital continua desempenhando a função de suporte da memória. Nesse sentido, a criação do Museu das Coisas Banais, exclusivamente na forma virtual e voltado à preservação da memória atrelada aos objetos, pretende ampliar essa noção tradicional de museu e, ao mesmo tempo, ao contemplar os objetos cotidianos e banais (ROCHE, 2004) presentes na vida diária, mas quase sempre ausentes nos museus, discutir o papel dos objetos comuns como objetos históricos. Ao partilhar do pensamento de Lévy (2001), de que o mundo é virtual desde sua origem, enquanto possibilidade, enquanto constante devir, é coerente que o museu seja pensado, não apenas como uma visão possível do passado que se atualiza, mas também como uma visão do futuro antecipado. Em outros termos, não como um contenedor de relíquias transmitidas de geração à geração, mas como o próprio futuro contemporâneo a nós de modo virtual.



26 a 29 de maio de 2015

Contudo, apesar da virtualidade da memória, dos museus enquanto instituição, e dos cibermuseus, ocorre sempre, no presente, um desejo de deixar marcas, de registrar o que já existia de modo virtual como possibilidade. Com a experiência obtida a partir da coleta virtual de acervo do Museu das Coisas Banais, percebemos que, ao registrar a história e compartilhar a fotografia de seu objeto, o doador confere a ambos um valor documental que lhe projeta para o futuro, de tal maneira e em tal velocidade que, de certo modo, o torna mais palpável do que se estivesse sobre o móvel ou dentro de um cofre. Se a intenção de documentar é inconsciente, o desejo de exposição do objeto e de sua história, composta de memórias individuais relacionadas às experiências progressas com o mesmo, é sempre uma opção gratificante, quase catártica. O que é observado nas falas dos doadores, nos comentários dos visitantes e, em diversos casos, nas próprias narrativas dos objetos.

A fotografia, como principal índice do objeto exposto, é mais do que signo a serviço da memória, capaz de armazenar e reter através da imagem, enquanto documento relativo. A fotografia é também fruto de um olhar coletor que realiza incessantemente o inventário das coisas no seu cotidiano e possibilita a criação de coleções visuais, antes que bens materiais e imateriais se desfaçam ou sucumbam perante os excessos do cotidiano. Argumento reforçado pelo trecho:

A vida complexa, cheia demais, cheia de gente, de edifícios, de coisas sem vida, congestionada de solicitações visuais, encontrou na fotografia um meio de registrar e guardar o que “vale a pena”, o que queremos que fique. (MARTINS, 2008, p.40)

Com os benefícios da internet e o aumento da utilização das redes para o acesso virtual de museus, surgem não apenas novas possibilidades de atuação junto à sociedade, mas também novos desafios no que diz respeito à sua gestão, acessibilidade e armazenamento de dados.

Atualmente, além de questionar a função dos museus, o campo museal expande sua atenção para o caráter virtual dos acervos na rede. Assim, a preservação da memória a partir da materialidade dos objetos abrange outros suportes e supera a própria materialidade das coisas, concentrando sua atenção sobre a memória narrada, a memória ainda atrelada ao objeto, que passa a ser índice de uma presença ausente.

Conforme Benjamim (1993, p.239), “quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava”. Atuar nesse campo de preservação memorial cientes do aspecto simbólico dos objetos doados é uma oportunidade de escavar não apenas memórias sociais compartilhadas, mas ir mais fundo na compreensão do papel da



26 a 29 de maio de 2015

cultura material na trama das relações estabelecidas entre os homens e seus objetos no hoje, é participar de uma arqueologia do tempo presente.

### **Democratização do acervo**

Seguindo o exemplo de outros museus virtuais, o Museu das Coisas Banais pretende otimizar o sistema de informações utilizado ao disponibilizar a informação compartilhada também em outras línguas, além disso pretendemos linkar o endereço de outros museus virtuais com temáticas semelhantes à página do MCB. Finalmente, a equipe do MCB está trabalhando para tornar acessível toda informação veiculada pela web, através da áudio-descrição, legenda, ou libras.

Por hora, a utilização da internet como meio de comunicação permite a democratização do acervo do Museu das Coisas Banais em dois níveis. Primeiro: qualquer pessoa pode ser doadora e ter seu objeto integrado ao acervo do museu (desde que o objeto seja conservado por motivos memoriais); segundo: pessoas do mundo todo podem visitar o acervo do museu através da internet. Ou seja, o MCB usufrui da linguagem, enquanto inteligência coletiva, para interagir com a cultura universal, tal como proposta por Pierre Lévy (2001, p. 128). Portanto, sob o ponto de vista educativo, o MCB é capaz de gerar diversas ações concretas em diferentes momentos e locais determinados sem, contudo, estar em um lugar permanente, criando esta identidade virtual com a livre participação de todos os usuários.

Outra característica do Museu das Coisas Banais que, talvez seja interessante apontar, é sua dinâmica de exposição virtual: fotografia x história narrada que o enquadra na categoria de museu colaborativo. Interessante pensar que a associação entre fotografia e narrativa escrita reafirma o aspecto indicial do objeto, tal como proposto por Baudrillard (2009, p. 83) “existe, pois, um estatuto particular do objeto antigo. Na medida em que aí se encontra para esconjurarmos o tempo na ambiência e onde é vivido como signo”.

A fotografia funciona como estopim para a memória e como prova material; contato com o tempo brevemente recuado e projeção para o futuro. A ilusão que a fotografia provoca em termos de apresentar um objeto e vivificar uma história não elimina a imaterialidade da sua condição, mas é nesta ilusão de materialidade, na possibilidade do registro e de compartilhamento, que a fotografia, somada à história oral, permite a exposição de um acervo que participa da era globalizada.



26 a 29 de maio de 2015

A imaterialidade da memória atrelada ao objeto é destacada, uma vez que os visitantes têm acesso a uma imagem e a uma história do objeto que são subjetivas e pessoais, fruto de escolhas. Tal como afirma Baudrillard: “[...] colecionamos sempre a nós mesmos” (2009, p. 99).

Por que este e não aquele objeto? Quando um objeto banal se torna importante? O que é banal e o que é valioso na sociedade contemporânea? Quais indícios nos dão os objetos do tempo presente? Estas são questões norteadoras do projeto, contribuições que o Museu das Coisas Banais aponta enquanto instituição museal.

### **Objetos e seus significados**

Ao propor uma exposição do banal, do ordinário, se percebe mais profundamente um sentimento de memória compartilhada. Não a memória oficial, mas aquela mais afetiva, vinculada às emoções privadas, à memória íntima. Esses objetos e memórias assumem posturas afetivas “em volta de nós como uma sociedade muda e imóvel. Eles não falam, mas nós os compreendemos, porque têm um sentido que familiarmente deciframos” (RADLEY, 1994, p.158).

Radley também fala em “desenraizamento” dos objetos (1994, p.50) para fins de uma rememoração que chamamos aqui de ilustrativa, como é o caso dos museus tradicionais, pois os objetos alteram o seu sentido quando apartados do seu contexto. Em se tratando de objetos biográficos:

Nesses casos o significado dos artefatos, agora removidos dos contextos espaciais e temporais dos quais foram obtidos, se constrói ao se tornarem objetos de discurso. Não apenas o artefato, mas a pessoa, como sujeitos, foram deslocados, de tal modo que utilizar sua posse como um veículo para tal lembrança torna-se parte de uma narrativa cujo propósito talvez seja a reparação de uma ruptura biográfica que o indivíduo em questão sofreu. Nestes exemplos o lugar dos objetos na memória não é apenas como parte de um envelhecimento (um corpo envelhecendo), mas daquele que envelhece sendo removido do centro do palco socioeconômico de sua cultura. Este “sentido de passado” se revela através de esforços que evocam um senso de continuidade, ou uma discreta quebra, com o que se passou.<sup>4</sup> (RADLEY, 1994, p. 50-51).

No sentido oposto, o do enraizamento, uma das principais razões para a preservação de objetos memoriais é a sensação de estabilidade que eles nos proporcionam. A partir dos

<sup>4</sup> *In this case the significance of the artefacts, now removed from the temporal and spatial context for which they were obtained, is made through their being the object of discourse. Not only the artefact but the person as subject has been displaced, so that the use of the possession as a vehicle for such remembering is part of a narrative whose purpose may be to repair a biographical disruption which the individual concerned has suffered. In these examples the place of objects in remembering is not only part of getting older (an ageing body) but of the elderly being removed from the centre of the socioeconomic stage of their culture. This “sense of the past” is revealed through efforts to evoke either a sense of continuity with, or a discrete break from, what has gone before. (RADLEY, 1994, p. 50-51).*



26 a 29 de maio de 2015

objetos não apenas recordamos de pessoas ou eventos do passado, mas nos identificamos e reinventamos nossas memórias no presente. A partir disto é possível afirmar que objetos descontextualizados passam de memoriais à banais.

O ato de colecionar objetos, além de um sentido memorial, ou enraizador, pode ser considerado sob o ponto de vista compensatório, o prazer de empregar tempo e afeto ao acúmulo que supre ausências (BAUDRILLARD, (2009, p. 211). Talvez até mesmo fetichista, quando o objeto enquanto coisa for mais “coisa” que objeto, e sua exposição ao olhar do outro mais importante que a narrativa a ele associada. Independente de quais sejam os motivos que levam cada pessoa a colecionar objetos, eles estão sempre atrelados a uma noção de valor que se preserva, que para além dos valores artísticos ou históricos, comportam um valor subjetivo.

Para Radley é necessário avaliar o lugar dos artefatos na vida social, assim como indicar, especificamente, de que maneira eles estão implicados no modo como as pessoas consideram o seu passado individual e coletivo: “Em um nível mundano, muitos objetos do mundo cotidiano são inseparáveis da memória” (RADLEY, 1994, p.47)<sup>5</sup>. Por exemplo um móvel da casa que não somos capazes de substituir porque nos traz lembranças de pessoas queridas, e lembranças de nós mesmos que crescíamos em torno daquele móvel. Neste sentido alguns objetos servem, como afirma Benjamin, para o palco de nossas experiências:

a uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino. [...] Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. (BENJAMIN, 1993, p. 228).

Com relação a materialidade das “coisas” que compõem o MCB, destacamos uma aproximação com os estudos arqueológicos contemporâneos, menos voltados para a materialidade que submerge do passado e mais concentrada na narrativa dos objetos, com recuo temporal relativo ou curto. Interessante refletir sobre a afirmação de Severin Fowles em entrevista coletiva (Alberti et al, 2011, p.899): “a arqueologia, como a vejo, sempre foi a disciplina da grande narrativa, não das coisas”<sup>6</sup>. Assim, não é tanto pela conservação da materialidade, que de fato o MCB não faz, mas na preservação da memória veiculada às coisas, relativamente banais que o museu pretende avançar suas pesquisas.

O MCB ao coletar, exibir, e pôr em xeque a valorização dos objetos, abre espaço para uma discussão mais profunda sobre a questão do valor, atribuído à cultura material, que pode ser identificado de modo diacrônico, mas também sincrônico, em associação às diversas

<sup>5</sup> “At a mundane level, many objects in the everyday world are inextricably tied up with memory.”

<sup>6</sup> “Archaeology, as I see it, has always been the discipline not of things but of the grand narrative” Severin Fowles (apud ALBERTI et al, 2011, p.899)



26 a 29 de maio de 2015

culturas. É característica da natureza humana atribuir valor às coisas, assim como utilizar os objetos como artifícios memoriais que prolongam a humanidade de seus donos ao longo do tempo. Assim, apesar de se tratar de um acervo composto de “coisas comuns”, doadas por pessoas comuns, jamais estão fechadas na pessoa do seu narrador, pois dialogam com as experiências de outras pessoas. Com certa ironia, sua qualidade democrática supera os grandes museus centrados em histórias extraordinárias de um, ou alguns, para apresentar histórias extraordinárias de pessoas que valorizam o seu passado a partir da sua própria experiência, individual ou familiar.

O que merecia ficar no museu de feição mais tradicional era em geral, o objeto da elite: a farda do general, o retrato do governante, a cadeira do político, a caneta do escritor, o anel de um bispo[...] Tudo isso compunha o discurso figurativo de glorificação da história de heróis e indivíduos de destaque. (REGIS, 2004, p.19).

O fato de ser um museu virtual nos possibilita saltar o problema da teatralização das narrativas, muito comuns nos museus tradicionais, com a exposição dos objetos. Não há cenário, apenas “possibilidades”, virtualmente falando, de interpretação e identificação, ou não, com as categorias de memória compostas a partir dos objetos compartilhados.

Os objetos do MCB estão apresentados em 19 categorias, concentrados em quatro verbetes, elaborados com base no texto: “Objetoteca: conjunto de Gabinete para inventário de objetos” (SACCO, 2012). A partir dessas categorias buscamos, gradualmente, associar os objetos doados para melhor estudá-los sob o ponto de vista da memória.

*1 – A memória dos objetos-* os objetos podem ser entendidos tanto como um continente de memórias, quanto como um produtor de novas memórias.

- 1.1 Objetos que cheiram.
- 1.2 Objetos que não existem
- 1.3 Objetos de afeto
- 1.4 Objetos melancólicos
- 1.5 Objetos de afeto
- 1.6 Objetos que faltam/esquecidos/perdidos
- 1.7 Objetos biográficos
- 1.8 Objetos ficcionais/ Memórias inventadas de objetos.
- 1.9 Objetos secretos

*2- Curiosidades-* alguns objetos são consumidos e conservados pelas características que os diferenciam do conjunto de objetos padrão.

- 2.1 Objetos raros





26 a 29 de maio de 2015

## 2.2 Objetos inúteis

3 *Objetos com funções*- apesar de serem criados com finalidades específicas os objetos agregam outros valores de uso com o tempo.

### 3.1 Objetos de controle do tempo

### 3.2 Objetos que guardam

### 3.3 Objetos de arte

### 3.4 Objetos de culto

### 3.5 Objetos de coleção

### 3.6 Objetos de viagem

### 3.7 Objetos de desejo

4 *Objetos inclassificáveis*- alguns objetos podem ser ambíguos, indecifráveis, desconectados de suas funções de uso, fora do tempo, alguns podem não ser objetos manufaturados, e mesmo assim serem um objeto da ação, ou atenção humana. Entre esses objetos inclassificáveis, foram inventariados no MCB, por exemplo uma tatuagem, uma cicatriz, um animal de estimação. Essa categoria engloba todos aqueles “objetos” deslocados de seus sentidos de objeto enquanto coisa para um objeto “quem” “como” “quando” “onde” das experiências e relações humanas.

## Considerações finais

O Museu das Coisas Banais é uma experiência recentemente colocada em curso, mas que já possibilita leituras no presente e exprime seu potencial de futuro, inserido nesta realidade, outrora futurista, do contato humano em tempo real, (da troca de experiências com pessoas de todo o mundo, de acessos a diversos museus em um mesmo dia) a partir daquilo que Lévy (2001, p.143) chamou de “o fogo do futuro”, referindo-se ao computador, que permite uma “conexão planetária. Os museus virtuais entram no campo museal causando grande impacto, permitindo conexões outrora impensáveis, bem como democratizando o acesso aos acervos culturais, bem como a produção de novos acervos.

A partir do que foi exposto, pode-se inferir que as possibilidades de atuação do Museu das Coisas Banais, assim como de outros veículos de informação que associam coleta, exposição, e cooperação, são uma demonstração empírica das ideias de Pierre Lévy, antecipadas por Walter Benjamin (1985) no que se refere à unificação de uma narrativa e a construção de um documento único de origem universal. Pois, o MCB ao reunir e expor seu acervo por meio virtual possibilita a diversos narradores que compartilhem e acessem



26 a 29 de maio de 2015

memórias de outras pessoas, a qualquer hora do dia, em qualquer lugar do globo. Deste modo, a partir do compartilhamento de memórias individuais e de um acesso virtual público, todo visitante pode vislumbrar uma história escrita por muitas mãos, composta pela “relação entre o narrador e sua matéria- a vida humana- [...] matéria-prima da experiência- a sua e a dos outros [...]”. (idem, p.4).

## Referências

ALBERTI, et al. **Worlds Otherwise” Archaeology, Anthropology, and Ontological Difference.** In.: *Current Anthropology*, Vol. 52, No. 6. Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, The University of Chicago Press, 2011. Pg. 896-912. BALLART HERNÁNDEZ, Joseph; TRESSERAS, Jordi Juan i. **Gestión del patrimônio cultural.** Barcelona: Ariel, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009. 235p.

BEIGUELMAN, Giselle. **O livro depois do livro.** São Paulo: Petrópolis, 2003. 95p.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única:** obras escolhidas. Volume 2. Traduzido por: Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. 3 ed. São Paulo: brasiliense, 1993. 280p.

\_\_\_\_\_. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume 1.* Tradução: Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. 21-35p.

LATOURE, Bruno. *Une sociologie sans objet? Remarques sur l'interobjectivité.* In: DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier (Orgs.). *Objets & Memoires.* Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme (Paris); Le Presses de l'Université Laval (Quebec), 2007. 37-57p.

LÉVY, Pierre. **A conexão planetária: O mercado, o ciberespaço, a consciência.** São Paulo: Editora 34, 2001. 192 p.

MARTINS, José de Souza. **A fotografia e a vida cotidiana: ocultações e revelações.** In *Sociologia da fotografia e da imagem.* São Paulo: Contexto, 2008. 208 p.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção.** In: *Enciclopédia Einaudi, volume 1, Memória-História.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. 51-86 p.

RADLEY, Alan. **Artefacts, memory and a sense of the past.** In *Collective remembering: Inquiries in social construction series.* London: Sage Publications, 1994. 46-59 p.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004. 178p.

ROCHE, Daniel. **História das Coisas Banais. Nascimento do consumo séc. XVII-XIX.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000. 11-15 p.

SACCO, Helene. **OBJETOTECA: conjunto de Gabinete para inventário de objetos.** MAC. Arte sul contemporânea. São Paulo, p.5, junho de 2012.

**VI Seminário Internacional de Políticas Culturais**  
**Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil**



26 a 29 de maio de 2015

SILVA, Fabíola Andréa. **Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material.** MÉTIS: história & cultura – v. 8, n. 16, p. 121-139, jul./dez. 2009.

SCHEINER, Teresa Cristina. **Apolo e Dioniso no templo das musas. Museu – Gênese, idéia e representações na cultura ocidental.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil, 1998, p.89.

TURGEON, Laurier. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de la memoire. In: DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier (Orgs.). *Objets & Memoires.* Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme (Paris); Le Presses de l'Université Laval (Quebec), 2007.13-36 p.